

Frotscher, Méri; Stein, Marcos Nestor; Anselmo Olinto, Beatriz
Memória, ressentimento e politização do trauma: narrativas da II Guerra Mundial (Suábios do Danúbio de
Entre Rios, Guarapuava – PR)
Tempo, vol. 20, 2014
Universidade Federal Fluminense
Niterói, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=167031535010>



Tempo,

ISSN (Versão impressa): 1413-7704

secretaria,tempo@historia.uff.br

Universidade Federal Fluminense

Brasil

Memória, ressentimento e politização do trauma: narrativas da II Guerra Mundial (Suábios do Danúbio de Entre Rios, Guarapuava - PR)¹

Méri Frotscher[1], Marcos Nestor Stein[1], Beatriz Anselmo Olinto[2]

Resumo

Este artigo aborda narrativas da Segunda Guerra Mundial publicadas no *Deutsches Wort*, suplemento em alemão do *Jornal de Entre Rios* (Guarapuava, Paraná). O foco é a narrativa de uma moradora da colônia de Entre Rios, deportada para a Ucrânia durante a guerra. A entrevista foi produzida em 1984, porém editada e publicada por esse jornal somente em 1994, quando a colônia rememorava os 50 anos da expulsão dos “suábios do Danúbio” da Romênia, da Hungria e da ex-Iugoslávia. Analisamos o trabalho de construção de uma memória coletiva e a composição de sentidos coletivos de superação por meio da edição e da padronização das lembranças traumáticas das testemunhas.

Palavras-chave: trauma; memória coletiva; testemunha.

Memoria, resentimiento y politización del trauma: narrativas sobre la II Guerra Mundial (Suabios del Danubio, Entre Rios, Guarapuava - Paraná)

Resumen

Este artículo aborda narrativas sobre la II Guerra Mundial publicadas en el *Deutsches Wort*, suplemento en alemán del *Jornal de Entre Rios* (Guarapuava - PR). El foco central es la narrativa de una habitante de la colonia de Entre Rios, deportada para la Ucrania durante la guerra, producida en 1984, pero editada y publicada apenas en 1994, cuando la colonia recordaba los 50 años de la expulsión de los “suábios del Danubio” de Rumanía, Hungría y ex-Yugoslavia. Analizamos el trabajo de construcción de una memoria colectiva y la composición de sentidos colectivos de superación por intermedio de la edición y la padronización de los recuerdos traumáticos de los testigos.

Palabras clave: trauma; memoria colectiva; testigo.

Memory, resentment and the politicization of trauma: narratives of World War II (Danube Swabians, Entre Rios, Guarapuava - Paraná)

Abstract

This article addresses narratives about the Second World War published in *Deutsches Wort*, the supplement in German language of the *Jornal de Entre Rios* (Guarapuava, Paraná, Brazil). The article focuses on an interview produced in 1984 with an immigrant of the Entre Rios colony, Guarapuava, deported to Ukraine during the war. This interview was carried out in 1984, although edited and published by this journal only in 1994, when the 50 years of the expulsion of the “Danube Swabians” from Romania, Hungary and ex-Yugoslavia were remembered. The construction of an overcoming sense and of a collective memory about these events, by editing and standardizing the traumatic memories of the witnesses, was assessed.

Keywords: trauma; collective memory; witness.

Mémoire, ressentiments et politisation des traumatismes: récits de la deuxième guerre mondiale (Souabes du Danube de Entre Rios, Guarapuava - PR)

Résumé

Cet article traite de récits sur la deuxième guerre mondiale publiés au *Deutsches Wort*, Supplément au *Jornal de Entre Rios* (Guarapuava, Paraná). Le texte se concentre sur le récit d'une résidente à la colonie Entre Rios, qui a été déportée en Ukraine pendant la guerre. L'interview s'est déroulée à 1984, mais n'a été éditée et publiée par ce journal que en 1994, quand la colonie se souvenait les 50 années d'expulsion des «Souabes du Danube» de Roumanie, de Hongrie et de l'ex-Yougoslavie. Nous avons étudié la construction de la mémoire collective et la composition du sens collectif de dépassement par l'édition et la standardisation des mémoires traumatisantes des témoins.

Mots clés: traumatismes; mémoire collective; témoin.

Artigo recebido em 05 de maio de 2013 e aprovado para publicação em 23 de setembro de 2013.

[1] Colegiado de História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Unioeste - Marechal Cândido Rondon (PR) - Brasil.

E-mail: merikramer@hotmail.com; marcosmancha36@yahoo.com.br

[2] Departamento de História da Universidade Estadual do Centro-Oeste - Unicentro - Guarapuava (PR) - Brasil. E-mail: biaolinto@hotmail.com

¹Este artigo resulta da pesquisa desenvolvida por meio do projeto *Deslocamentos e (des)encontros: refugiados da II Guerra Mundial e “brasileiros” em Guarapuava - PR*, financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), sob processo nº 4000774/2011-9.

Introdução

Ficamos pobres. Fomos desbaratando o patrimônio da humanidade, muitas vezes tivemos de empenhá-lo por um centésimo do seu valor, para receber em troca a insignificante moeda do “atual”.²

Nos primeiros anos no século XXI, Tzvetan Todorov buscou diferenciar o discurso do historiador do discurso da testemunha e do comemorador, apontando a complementaridade possível entre os dois primeiros e a oposição irreduzível entre o primeiro — que tem por horizonte uma verdade impessoal e problemática — e o último, que não se submete aos testes de verdade impostos ao historiador e à testemunha. Para o autor, a memória, entendida como vestígios mnésicos, construiria sentidos e identidade para uma testemunha. Já a memória coletiva produzida por comemoradores não seria uma memória, mas um discurso que evolui no espaço público e que “reflete a imagem que uma sociedade ou um grupo dentro da sociedade querem dar de si mesmos”.³

A economia midiática tornou-se o local privilegiado de produção e consumo de acontecimentos (co)memoráveis. A conservação substituiu a modernização e o lembrar tornou-se uma obrigação. Mas lembrar o que e de que maneira? Pois, se a memória pressupõe o esquecimento, seu traço constitutivo, ela também é um trabalho de seleção.⁴ Em um regime de historicidade presentista, como o contemporâneo, o dever de lembrar/conservar o coletivo vem então preencher o vazio de sentido entre o vivido e o esperado. Pois, segundo François Hartog, esse presente dilatado demonstra-se incapaz de preencher o espaço entre a experiência e a expectativa. Buscam-se, então, na memória, no patrimônio e na comemoração, os termos que possibilitem a construção de uma identidade.⁵ A produção cultural da memória coletiva une e simplifica o conhecimento sobre o passado, conhecimento esse que a escrita da história cinde e problematiza.

É com esse horizonte de análise que o presente artigo busca abordar narrativas da Segunda Guerra Mundial de pessoas de origem alemã autodenominadas *Donauschwaben* (suábios do Danúbio), expulsas da Hungria, da Romênia e da antiga Iugoslávia e que imigraram para Entre Rios, município de Guarapuava, Paraná, no início da década de 1950. Fontes orais produzidas com pessoas que vivenciaram a expulsão, em 1984–1985 e em 1993–1994, foram editadas e publicadas em 1994 no suplemento em alemão do *Jornal de Entre Rios*, o *Deutsches Wort*, quando se rememoraram os 50 anos da fuga e da expulsão daqueles territórios. O foco do artigo é uma das narrativas, a de Katharina Hech, nascida em 1927, a qual não apenas vivenciou a expulsão, mas foi deportada pelos russos para a Ucrânia em fins de 1944.

No final e logo após o término da Segunda Guerra Mundial, milhões de alemães e descendentes que moravam no leste e sudeste europeus fugiram ou

²Walter Benjamin, “Experiência e pobreza”, In: ___, *O anjo da história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012, p. 90.

³Tzvetan Todorov, *Memória do mal, tentação do bem: indagações sobre o século XX*, São Paulo, ARX, 2002, p. 155.

⁴*Ibidem*, p. 149.

⁵François Hartog, *Evidência da história: o que os historiadores veem*, Belo Horizonte, Autêntica, 2011, p. 139.

foram expulsos de seus territórios por *partisans* e pelas tropas russas. Entre eles, estavam também descendentes de alemães que, nos séculos XVIII e XIX, haviam colonizado terras situadas ao sudeste do antigo Império Austro-Húngaro e que, mais tarde, ficaram conhecidos como *Donauschwaben* (suábios do Danúbio). Muito embora os imigrantes de Entre Rios se autoidentifiquem dessa forma e remontem sua história à emigração para o antigo Império Austro-Húngaro, essa denominação coletiva foi formulada apenas em 1922 pelo geógrafo Robert Sieger, da Universidade de Graz, na Áustria.⁶

Durante a Segunda Guerra Mundial, os suábios do Danúbio apoiaram as tropas alemãs que ocuparam os territórios onde habitavam e muitos integraram a divisão da *Waffen-SS "Prinz Eugen"*, criada em 1942 para combater os guerrilheiros comunistas chefiados por Josep Broz Tito que resistiam à invasão.⁷ Após a retirada do exército alemão, em 1944, a maioria dos suábios do Danúbio fugiu em grandes *treks* em direção ao oeste e os que não conseguiram ou não puderam fugir foram alvo de violentas represálias. Em fins de 1944, o governo de Tito privou os suábios do Danúbio dos seus direitos civis na Iugoslávia.

No ocidente contemporâneo, a privação dos direitos civis acompanha a privação dos direitos humanos, conforme Giorgio Agamben. Para o autor, "No sistema do estado-nação, os ditos direitos sagrados e inalienáveis do homem mostram-se desprovidos de qualquer tutela e de qualquer realidade no mesmo instante em que não seja possível configurá-los como direitos dos cidadãos de um estado".⁸ Esses direitos eram um aspecto confessado desde a *Declaração dos direitos do homem e do cidadão*, formulada no início da Revolução Francesa, que unia a cidadania à própria condição de humanidade. Essa hipótese foi tragicamente demonstrada ao longo da Segunda Guerra Mundial, desde a política de desnacionalização dos judeus alemães pelo nazismo e o Holocausto até a expulsão dos suábios.

Os 200 mil suábios do Danúbio que haviam permanecido na Iugoslávia foram alvo de massacres, torturas seguidas de morte, estupros, deportação, confinamento em campos. De acordo com Fritjof Meyer, entre o outono de 1944 e a primavera de 1945, 9.500 pessoas foram mortas. Em 8 trens de transporte, 8 mil mulheres e 4 mil homens foram deportados para campos de trabalho na União Soviética, dos quais 1 de cada 6 morreu. Os demais 167 mil que permaneceram foram confinados em campos, onde muitos morreram de fome, frio e doenças.⁹

⁶O termo "suábios do Danúbio" faz menção à Suábia, de onde teria saído a maior parte dos que migraram para o Império Austro-Húngaro, utilizando como meio de navegação o rio Danúbio. Sobre a origem do termo, ver Anton Scherer, "Seit 42 Jahren heißen wir Donauschwaben", *Volkskalender 1964: Ein Jahrbuch des Gesamten Donauschwabentums*, Ulm, 1964, p. 64-68, e Albert Elfes, *Suábios no Paraná*, Curitiba, [s.n.], 1971.

⁷Sobre os crimes de guerra nacional-socialistas e os suábios do Danúbio da região de Banat (Romênia), ver Thomas Casagrande, *Die Volksdeutschen SS-Division "Prinz Eugen"*: die Banater Schwaben und die National-Sozialistischen Kriegsverbrechen, Frankfurt am Main, Campus Verlag, 2003.

⁸Giorgio Agamben, *Homo sacer*: o poder soberano e a vida nua, 2. ed., Belo Horizonte, Editora da UFMG, 2010, p.123.

⁹Fritjof Meyer, "Hohn für die Opfer", In: Stefan Aust; Stephan Burgdorff (orgs.), *Die Flucht: Über die Vertreibung der Deutschen aus dem Osten*, Bonn, Bundeszentrale für politische Bildung, 2005, p. 99-102.

Entre 1951 e 1954, por intermédio de várias organizações humanitárias internacionais¹⁰ e, em especial, da Ajuda Suíça à Europa (*Schweizer Europahilfe*), um órgão ligado à Igreja Católica, cerca de 2.500 suábios que haviam se deslocado para a Áustria e ali moravam, em parte, em campos de refugiados, imigraram para o Brasil. Estes se fixaram no município de Guarapuava, onde fundaram, sob a coordenação da Cooperativa Agrária, a colônia de Entre Rios.

Durante as décadas de 1960 e 1970, ocorreu um significativo êxodo daquela colônia, muitos se fixando em cidades como Curitiba ou São Paulo ou emigrando para a Alemanha. Além de fatores como péssimas colheitas, esse fenômeno também foi explicado a partir da existência de traumas e ressentimentos provocados pela guerra. Essa forma de explicação pode ser encontrada no livro *Suábios no Paraná*, publicado em 1971 por ocasião das comemorações dos 20 anos de fundação da colônia. Seu autor, o engenheiro agrônomo alemão Albert Elfes, classifica os suábios do Danúbio em três grupos de acordo com a faixa etária e “[...] segundo o efeito das influências externas que sofreram”.¹¹ O primeiro grupo, segundo ele, seria constituído pelas pessoas que fugiram de sua terra natal como adultos:

Os homens mais moços tinham tomado parte na guerra. Todos estes tinham vivido seu destino plenamente cônscios de sua amarga sorte. Para eles o Brasil tornou-se um hospitaleiro país de asilo — o é ainda — oferecendo-lhe proteção, espaço vital e base de existência econômica — mas nunca tornou-se-lhes uma segunda pátria. Seus laços com suas regiões de origem eram fortes demais. Eles nunca puderam vencer, completamente, o choque sofrido e a consequente nostalgia. E assim, apesar dos sucessos econômicos finais e com a existência material assegurada, muitos não conseguiram enraizar-se no novo ambiente. Permaneceram inquietos, tendendo a um certo isolamento quando em ambiente estranho [...].¹²

O segundo grupo seria constituído por pessoas nascidas em Entre Rios. Além de se comunicarem em língua portuguesa, segundo o autor, “[...] conhecem a fundo as condições brasileiras, específicas de sua região, passam facilmente por cima de eventuais ressentimentos do grupo e encaram o futuro brasileiro cheios de confiança se já tem idade para tanto”.¹³

Para Elfes, o terceiro grupo seria formado por pessoas situadas em uma faixa etária intermediária às duas anteriormente mencionadas. Essa geração seria

[...] a mais castigada, cuja lembrança é assombreada pela guerra e seus efeitos. Seus membros passaram uma parte de sua infância e adolescência não no seio da família, mas em campos de

¹⁰Além da Ajuda Suíça à Europa, participaram do projeto a *Raphael's-Werk*, de Hamburgo, Alemanha, a *Food and Agriculture Organisation* (FAO), a *International Refugee Organisation* (IRO), a Cruz Vermelha, o *Internationales Arbeitsamt* (BIT), de Genebra, e a *Bundesamt für Industrie, Gewerbe und Arbeit* (BIGA), de Berna, ambas da Suíça (Albert Elfes, *Suábios no Paraná*, Curitiba, [s.n.], 1971, p. 44).

¹¹Albert Elfes, *Suábios no Paraná*, Curitiba, [s.n.], 1971, p. 93.

¹²*Ibidem*, p. 93-94.

¹³*Ibidem*, p. 94.

refugiados e guardam da velha pátria nada mais do que imaginações imprecisas, a não ser através de narrações e de literatura. As consequências das catástrofes marcaram-se com força especial no espírito, ainda delgado naqueles anos, deste grupo. Este estado agravou-se, ainda mais, pelo fato de que cresceram em uma época em que o funcionamento escolar organizado e contínuo era quase impossível: nem nas regiões das lutas dos partisans, no sudoeste da Europa, nem, mais tarde, nos campos de refugiados da Áustria, nem nos primeiros anos após estabelecerem-se no município de Guarapuava.¹⁴

Nessa passagem, chama atenção dois aspectos do diagnóstico elaborado por Elfes. Primeiro, o trauma e o ressentimento teriam sua origem não no indivíduo ou no seio do grupo, mas no campo externo, na relação com o outro — com o *partisan*, com o novo ambiente etc. Segundo, aqueles que apresentariam sintomas mais graves seriam os que desconheciam o passado do grupo. Seriam as pessoas que vivenciaram a guerra e a expulsão, mas, em função de sua idade e de não terem frequentado o ambiente escolar, no qual se daria um sentido para o passado do grupo, não teriam tido a oportunidade de compreender o sofrimento pelo qual passaram na infância.

Os 200 mil suábios do Danúbio que haviam permanecido na Iugoslávia foram alvo de massacres, torturas seguidas de morte, estupros, deportação, confinamento em campos

No livro, Elfes sugere o ensino escolar como um importante mecanismo para constituir e disseminar um conhecimento, o que daria sentido a um passado coletivo e o articularia a uma determinada visão de futuro, bem como para fomentar o desenvolvimento econômico da colônia.

Outro autor, o suíço Walter Gossner, já havia analisado em 1952 o comportamento dos suábios do Danúbio de Entre Rios, relacionando-o às experiências traumáticas vividas durante a Segunda Guerra e, depois, nos campos de refugiados na Áustria. Em relatório encaminhado à Ajuda Suíça à Europa, Gossner afirmava que muitos apresentariam “perturbação emocional” (*seelische Zerruettung*) e “medo do futuro” (*Angst vor der Zukunft*). Para o autor, essas lembranças deveriam ser trabalhadas a fim de que traumas e ressentimentos fossem superados.¹⁵

Seguindo esses diagnósticos sobre a colônia de Entre Rios, pode-se compreender alguns investimentos feitos pela Cooperativa Agrária, a partir da

¹⁴Albert Elfes, *Suábios no Paraná*, Curitiba, [s.n.], 1971, p. 94.

¹⁵Walter Gossner, *Agraria. Die Siedlung der Donauschwaben im Município Guarapuava im brasiliánischen Staate Paraná. Bericht über die Ergebnisse der im Auftrage der Schweizer Europahilfe durchgeföhrten Untersuchung*, Jundiaí, 1952, mimeo, p. 14-16. Tradução livre do trecho citado de Marcos Nestor Stein.

segunda metade da década de 1960. A referida cooperativa encampou de forma vigorosa diversas ações para, entre outros objetivos, diminuir o êxodo.¹⁶ Um dos investimentos visou à constituição de uma memória coletiva para aqueles imigrantes e ao incentivo às tradições, por meio do apoio a grupos de danças típicas suábias, da criação de um museu local e da publicação de um periódico, o *Jornal de Entre Rios*.¹⁷ Em tais espaços, houve a criação de narrativas sobre o passado do grupo na Europa e no Brasil, em especial, interpretações das experiências traumáticas vividas ao final da Segunda Guerra Mundial.

Em 1994, ao publicar trechos de entrevistas com pessoas que vivenciaram a expulsão, o jornal buscou construir uma memória coletiva e sentidos de superação, mediante a edição e padronização das lembranças traumáticas das testemunhas, como veremos a seguir.

Trauma e uso dos testemunhos

Em 1994, a colônia de Entre Rios rememorou, por meio de diversas ações, os 50 anos da “fuga e da expulsão”. Já em janeiro daquele ano, quando a colônia comemorava 42 anos de fundação, o *Jornal de Entre Rios* publicou uma matéria de capa para explicar ao público leitor a “tragédia” vivida a partir de fins de 1944 pelos suábios do Danúbio.¹⁸ Na edição seguinte, o jornal reproduziu o trecho de um livro em que o autor se refere às “liquidações em massa”, “deportações em massa” e “exterminios em massa” causados pela “fome e trabalho forçado nos campos de concentração e de trabalho forçado”.¹⁹ No mesmo mês, o jornal inicia a publicação de uma série de “relatos” de “testemunhas” (*Zeitzeugen*) residentes na colônia. Como deixa transparecer o subtítulo do primeiro e dos demais “relatos”, o objetivo era fazer os “colonos de Entre Rios contar a partir de suas vidas”.

A primeira narrativa de um imigrante da colônia trata da fuga (*Flucht*) (Figura 1). O texto, publicado em alemão padrão, é acompanhado de uma simbólica ilustração — uma carroça representando a fuga — e do mapa do trecho percorrido até a Áustria.²⁰ Nas edições seguintes, o tema é a expulsão (*Vertreibung*).²¹

A partir de fevereiro, não são mais relatos escritos, mas trechos editados de entrevistas que passam a ser publicados. Todos compõem uma série intitulada

¹⁶Marcos Nestor Stein, *O oitavo dia: produção de sentidos identitários na colônia Entre Rios - PR (segunda metade do século XX)*, Guarapuava, Unicentro, 2011.

¹⁷Sobre isso e a produção de uma memória coletiva entre os suábios de Entre Rios, ver Marcos Nestor Stein, *O oitavo dia: produção de sentidos identitários na colônia Entre Rios - PR (segunda metade do século XX)*, Guarapuava, Unicentro, 2011.

¹⁸“Die Geschichte der Donauschwaben. 50 Jahre Vertreibung: Eine Erinnerung”, *Deutsches Wort* (Suplemento do *Jornal de Entre Rios*), Entre Rios - Guarapuava, n. 159, 8 de janeiro de 1994, D1.

¹⁹“Vertreibung der Donauschwaben. Beginn der Flucht”, *Deutsches Wort* (Suplemento do *Jornal de Entre Rios*), Entre Rios - Guarapuava, 15 de janeiro de 1994, D6.

²⁰“Die Flucht. Siedler aus Entre Rios erzählen aus ihrem Leben”, *Deutsches Wort* (Suplemento do *Jornal de Entre Rios*), Entre Rios - Guarapuava, n. 162, 29 de janeiro de 1994, D1.

²¹“Zeitzeugen. Berichte über die Vertreibung. Siedler aus Entre Rios erzählen aus ihrem Leben”, *Deutsches Wort* (Suplemento do *Jornal de Entre Rios*), Entre Rios - Guarapuava, 22 de janeiro de 1994, D6.

JORNAL DE ENTRE RIOS

Deutsches Wort

Beilage in deutscher Sprache
(Não pode ser vendido separadamente)

D1

ENTRE RIOS, GUARAPUAVA

Zeitzeugen

DIE FLUCHT

Siedler aus Entre Rios erzählen aus ihrem Leben

Der Frontwechsel in Rumänien, am 23. August 1944, ermöglichte den sowjetischen Truppen den Durchbruch zwischen Husi und Kischinew und ihr rasches Vorrücken.

Die Volksgruppen-Flucht hatte zwar für das Land Evakuierungspläne aufgestellt, doch wurde der Befehl zum Aufbruch, so für die höheren Stellen unständig waren, nicht gegeben. Es wurden aber die wenigen Tage zwischen dem 13. bis 20. September genutzt, an denen die deutschen und ungarischen Truppen den größten Teil des donauschwäbischen Siedlungsgebiets im Banat nochmals besetzen konnten, um die Evakuierung durchzuführen. Doch schlossen sich den ab 15. September aufbrechenden Trecks nur Teile der deutschen Bevölkerung an.

Von diesen kehrten viele nach wenigen Tagen wieder um. Manche Evakuierte blieben in den ersten Aufnahmestädten hinter der österreichischen Grenze zurück und wurden dort von der roten Armee überrollt, von der sie dann in ihre Dörfer zurückgeführt wurden.

Ein kleiner Teil der Flüchtlinge hatte aber Erfolg, unter ihnen die Heimatgemeinde Perjamosch im Banat.

So berichtet Karl Lukas, Ortsleiter dieses Dorfes:

"Mit der am 23. August 1944 erfolgten Änderung der rumänischen Politik wurde der bisherige Freund und Verbündete Deutschlands zum Feind. Den deutschen

Einheiten auf dem Gebiet Rumäniens wurde die Möglichkeit gegeben, binnen 48 Stunden das Land zu verlassen. Wer es nicht schaffte, wurde als Kriegsgefangener betrachtet und innerhalb indessen rückten die sowjetischen Truppen erstaunlich schnell gegen Westen vor, unterstützt von den rumänischen Truppen.

Als dann die Front immer näher kam, gab es grosse Bedenken und Sorgen wegen der ungewissen Zukunft. Anfang September wurde für uns die Lage schon fühlbar ernst!

Die Gemeinde lag schon im Bereich der Kampfhandlungen und wechselte ständig den Besitzer. Es waren hartnäckige Straßenkämpfe mit beiderseitigen schweren Verlusten. Niemand traute sich auf die Straße. Entweder zog man sich in den Keller oder Luftschutz-Splittergraben zurück. Das Vieh in den Ställen konnte nur in den Gefechtspausen versorgt werden.

Dieses hin und her konnte man auf die Dauer nicht aushalten, und da es auch schon bei den Ortseinwohnern Verluste gab (unseres Wissens 32), sah sich die deutsche Kommandantur veranlasst, die Zwangsevakuierung der Gemeinde zu befehlen.

So wurde ich, wohinhaft in unmittelbarer Nähe der Kommandantur, als gewesener Bürgermeister der Gemeinde dorthin beordert und mir der undiskutierbare, kategorische mündliche Befehl gegeben: "Sie haben

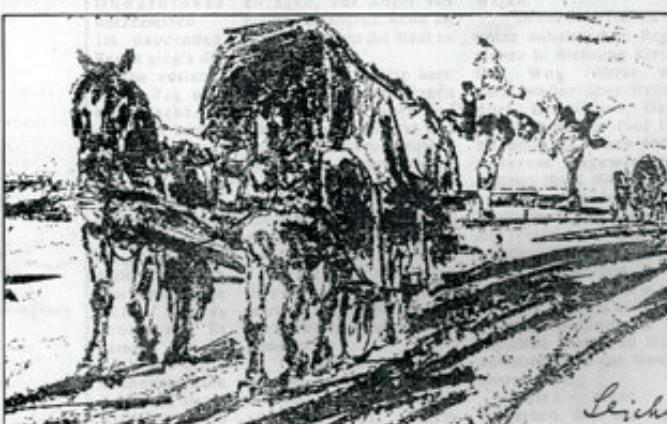
ab sofort Massnahmen zu treffen, dass sämtliche Einwohner, ohne Unterschied, bis morgen früh, den 28. September 1944, um 7 Uhr die Gemeinde verlassen. Wer zurückbleibt, wird erschossen."

Ich wollte einwenden, es sei doch strenge Verdunkelung, wie sollten die Leute packen, wie sie verständigen, usw.

Die Antwort war: "Ich habe deutsch gesprochen und Sie werden es wohl verstanden haben."

Und ich hatte es verstanden. Es kam die unvergessliche Nacht!

Wagen zurichten, im Dunkeln einpacken, die Leute verständigen, Abschied nehmen von denen die blieben, usw. Die Nacht verging, der Tag brach an. Es war



Leica

Fonte: *Deutsches Wort* (Suplemento do Jornal de Entre Rios), Entre Rios – Guarapuava, n. 162, 19.01.1994, D1.

Figura 1. Publicação de relato sobre a fuga escrita por um morador.

“Um povo luta pelo seu futuro. A expulsão dos suábios do Danúbio. Colonos de Entre Rios relatam sobre suas vidas” (*Ein Volk kämpft um seine Zukunft. Die Vertreibung der Donauschwaben. Siedler aus Entre Rios berichten über ihr Leben*). A série constrói uma ligação entre a história de um povo, os suábios do Danúbio, e as vidas individuais ali “relatadas”. A própria sequência de narrativas de diferentes testemunhas, acompanhadas das respectivas fotos, reforça a relação estabelecida entre etnia e indivíduo.²² Mas não são propriamente histórias de vida ali contadas, são testemunhos sobre a expulsão. A testemunha, segundo François Hartog, carrega uma obrigação de memória, ela “deve ser uma voz e um rosto, uma presença; e ela é uma vítima.”²³

Nos artigos da série, há uma seleção de trechos de entrevistas que se referem a uma pequena parte das vidas das testemunhas. Muito embora no subtítulo conste o verbo *berichten* (relatar), não o tomamos como meros relatos, mas como narrativas. Entendidos assim, são criadores de novos sentidos sobre o real ali descrito, como comprehende o filósofo Paul Ricoeur, para o qual as ações dos sujeitos no passado são narradas através da mediação da linguagem e das suas construções culturais.²⁴

A testemunha, segundo François Hartog, carrega uma obrigação de memória, ela “deve ser uma voz e um rosto, uma presença; e ela é uma vítima”

Essas narrativas são publicadas enquanto testemunhos. Não à toa, as entrevistas foram gravadas, transcritas e publicadas no próprio dialeto suábio falado cotidianamente. Elas dão detalhes trágicos daquilo que ficou conhecido na memória coletiva alemã como a *Vertreibung* (expulsão). A partir do outono de 1944, mais de 12 milhões de alemães — sobretudo “alemães étnicos” (*Volksdeutsche*) — fugiram das tropas do Exército Vermelho ou foram expulsos do leste, centro-oeste e sudeste europeus, morrendo, na fuga, mais de dois milhões e meio de pessoas. Muitas pessoas que vivenciaram esses acontecimentos passaram a ser representadas e/ou a se autorrepresentar, depois da guerra, como *Heimatvertriebene* (expulsos da pátria).

No universo cultural alemão, políticas de memória sobre essas experiências traumáticas transformaram a própria expressão *Flucht und Vertreibung* (fuga e expulsão) num “lugar de memória” significativo.²⁵ Esse “lugar de memória” foi resultado de uma política bem concreta, desenvolvida após a chegada dos alemães refugiados e expulsos nas zonas de ocupação, por meio de discursos políticos,

²²Para uma na análise dos relatos das testemunhas, ver Marcos Nestor Stein, *O oitavo dia: produção de sentidos identitários na colônia Entre Rios - PR* (segunda metade do século XX), Guarapuava, Unicentro, 2011, p. 234-249.

²³François Hartog, *Evidência da história: o que os historiadores veem*, Belo Horizonte, Autêntica, 2011, p. 209.

²⁴Aldo Nelson Bona, *História, verdade e ética: Paul Ricoeur e a epistemologia da História*, Guarapuava, Unicentro, 2012, p. 352.

²⁵Pierre Nora, que cunhou o termo, pretendia analisar os “lugares” — em todos os sentidos do termo — nos quais a memória da nação francesa havia se condensado, encorpado ou cristalizado.

publicações e monumentos.²⁶ Entretanto, embora “narrativas de vítimas alemãs” (*deutsche Opfernarrative*) tenham um papel relevante na memória de muitas famílias e tenham encontrado cada vez mais ressonância na esfera pública, não foi encontrado na Alemanha, segundo os autores, um único local para a rememoração da expulsão que pudesse fixar sentidos coletivos ao passado.²⁷

Em relação ao que se publica, apesar de essas “narrativas de vítimas alemãs” terem se tornado cada vez mais presentes a partir dos anos 1990, somente em 2002, com a publicação do livro *Im Krebsgang*, do escritor Günter Grass, teria havido uma ruptura no campo da memória.²⁸ O livro trata do afundamento do navio alemão Wilhelm Gustloff abarrotado de refugiados alemães por um submarino russo em fins de janeiro de 1945.

A partir dessas questões, poderemos refletir, mais adiante, sobre os sentidos da publicação da série de “relatos” de testemunhas em Entre Ríos. Os títulos e subtítulos dessa série relacionam passado, presente e futuro, não nessa ordem. Vejamos primeiro o título: *Ein Volk kämpft um seine Zukunft* (“Um povo luta pelo seu futuro”). O verbo, no presente, nos informa sobre uma luta enfrentada naquele momento. O subtítulo, *Die Vertreibung der Donauschwaben* (“A expulsão dos suábios do Danúbio”), se refere ao passado. Ou seja, o subtítulo, que em geral especifica o título, não trata do presente ou do futuro, expressos no título, mas do passado da expulsão, ocorrida 50 anos antes. Se prestarmos atenção para a inter-relação dos elementos do título com os do subtítulo, poderemos perceber a produção de um sentido que liga presente/futuro ao passado. Na construção narrativa, portanto, não há uma concepção linear ascendente do tempo, pois a luta no presente visando um futuro remete ao passado. São vozes de pessoas as quais viveram uma guerra no passado e que o relembram em prol da sobrevivência do grupo no presente e no futuro. A narração do sofrimento aparece como uma possibilidade de ligação entre as diferentes temporalidades, em um dirimir de rupturas e diferenças entre elas, pois é o conhecimento do passado que ressignifica o presente/futuro do grupo.

A escolha das entrevistas, sua transcrição, edição e editoração, os comentários do editor, a relação estabelecida entre elas e outros elementos editoriais fazem parte de um trabalho de rememoração em função de um devir. Um dos objetivos da série era atingir as gerações mais novas, considerando as quatro décadas de fundação da colônia, retirando da história trágica da guerra exemplos a seguir para as novas gerações. Isso é perceptível em comentário do editor, inserido após um dos “relatos”: “A ilegal expropriação e a privação dos direitos dos suábios do Danúbio em consequência da Segunda Guerra Mundial não desencorajaram esse povo. Ao contrário! Arregajaram-se as mangas e,

²⁶Eva Hahn; Hans Henning Hahn, “Flucht und Vertreibung”, In: Etienne François; Hagen Schulze (orgs.), *Deutsche Erinnerungsorte: Eine Auswahl*, Bonn, Bundeszentrale für politische Bildung, 2005, p. 332.

²⁷Eva Hahn; Hans Henning Hahn, “Flucht und Vertreibung”, In: Etienne François; Hagen Schulze (orgs.), *Deutsche Erinnerungsorte: Eine Auswahl*, Bonn, Bundeszentrale für politische Bildung, 2005. Sobre diferentes tipologias de “narrativas de vítimas alemãs”, ver Aleida Assmann, “Deutsche Opfernarrative”, In: _____, *Der lange Schatten der Vergangenheit: Erinnerungskultur und Geschichtspolitik*, Bonn, C.H. Beck, 2007, p.194-202.

²⁸Aleida Assmann, *Der lange Schatten der Vergangenheit: Erinnerungskultur und Geschichtspolitik*, Bonn, C.H. Beck, 2007, p. 194-198.

novamente, executou-se uma obra pioneira notável".²⁹ Os "suábios do Danúbio" são assim representados como vítimas de uma tragédia, a expulsão, transformada num "lugar de memória" referencial para a afirmação de uma identidade de povo "pioneiro", a qual deveria ser mantida.

Havia uma preocupação dos dirigentes na colônia em relação não somente à pouca frequência nas atividades culturais promovidas pelo *Jugendcenter* da colônia, centro cultural voltado à juventude,³⁰ mas também à sua consciência histórica sobre o passado. Em comentário do mesmo editor citado, posposto a outro trecho de "relato" publicado, fica explícito o objetivo de, com aquela série, atingir as novas gerações:

O relato acima nos confirma que os suábios do Danúbio — independentemente de onde eles procuraram uma nova pátria para si — puderam assegurar uma sólida existência aos seus descendentes, através da sua diligência proverbial. Eu quero ressaltar isso claramente *para mostrar à atual juventude suábia que eles podem se orgulhar de seus pais e seus avós* [grifos nossos].³¹

O discurso da pátria perdida é aqui cruzado com o discurso afirmativo de uma vocação para o pioneirismo, a qual teria criado uma nova pátria na colônia de Entre Rios. Afirma-se uma superação do passado, ao menos em nível econômico. O quanto a superação desse passado da guerra é restrita, entretanto, se percebe na própria publicação da série de narrativas sobre as experiências traumáticas do passado e nas demonstrações de ressentimento presentes nas matérias do jornal.

Além dessas questões geracionais internas na colônia, percebe-se na análise das condições de produção daquela série de "relatos" a interferência de eventos externos. Ela é publicada no decorrer de 1994, quando os 50 anos da expulsão dos alemães que viviam no leste e sudeste europeus estavam sendo rememorados por diversas entidades de suábios do Danúbio existentes pelo mundo e com as quais dirigentes culturais na colônia tinham contato. Inúmeras reportagens sobre encontros de entidades de suábios do Danúbio existentes no mundo, ocorridos na Alemanha, Estados Unidos, Canadá e Argentina, eram publicadas pelo jornal. Um dos encontros foi inclusive realizado em Entre Rios, em janeiro de 1992, quando a colônia comemorou 40 anos de fundação.³² Havia, portanto, o compartilhamento de elementos de uma "cultura da memória" sobre a guerra construída de forma transnacional entre essas entidades.³³

²⁹Esse e os demais trechos citados que seguem foram traduzidos por Méri Frotscher, em "Ein Volk kämpft um seine Zukunft. Die Vertreibung der Donauschwaben. Siedler aus Entre Rios berichten über ihr Leben", *Deutsches Wort* (Suplemento do *Jornal de Entre Rios*), Entre Rios – Guarapuava, 26 de fevereiro de 1994, D2.

³⁰"Jugendcenter tenta atrair frequentadores", *Deutsches Wort* (Suplemento do *Jornal de Entre Rios*), Entre Rios – Guarapuava, n. 83, 15 de abril de 1991, p. 5.

³¹Oswald Hartmann, "Ein Volk kämpft um seine Zukunft. Die Vertreibung der Donauschwaben", *Deutsches Wort* (Suplemento do *Jornal de Entre Rios*), Entre Rios – Guarapuava, n. 167, 12 de março de 1994, D2.

³²"Dachverband der Donauschwaben", *Deutsches Wort* (Suplemento do *Jornal de Entre Rios*), Entre Rios – Guarapuava, n. 100, 27 de dezembro de 1991, p. 1.

³³Sobre as diferentes formas de lidar com o passado da guerra em diferentes países da Europa, ver Harald Welzer, *Der Krieg der Erinnerung: Holocaust, Kollaboration und Widerstand im europäischen Gedächtnis*, Frankfurt am Main, Fischer Taschenbuch Verlag, 2007; Christoph Cornelissen; Lutz Klinkhammer; Wolfgang Schwentke (orgs.) *Erinnerungskulturen: Deutschland, Italien und Japan seit 1945*, 2. ed., Frankfurt am Main, Fischer Taschenbuch Verlag, 2004.

O movimento de trazer à tona esse passado traumático, em nível local, ocorria também num período em que, desde o início dos anos 1990, milhares de mortes, fugas em massa e expulsões voltavam a acontecer na antiga Iugoslávia, por conta das guerras de “limpeza étnica” da Bósnia e da Croácia, territórios de onde veio boa parte dos suábios que se dirigiram para Entre Rios. A cobertura desses acontecimentos pela mídia internacional interferiu nos discursos de memória em nível local. O próprio *Jornal de Entre Rios* faz referência direta àqueles acontecimentos em diversas matérias, procurando relacioná-los com o passado vivido por moradores da colônia. Durante as comemorações dos 40 anos da fundação de Entre Rios, em 1992, por exemplo, o presidente da Cooperativa Agrária, Mathias Leh, assim havia discursado:

Quando eu era criança, eu tive que assistir como o nosso povo morreu. Eu senti a pressão que pesou sobre todos nós naquela guerra assassina de guerrilheiros, que hoje também só é compreendida depois de outros estarem na vez. Entre 1941 e 1948, nós, “suábios”, estávamos “na vez”.³⁴

Segundo Leh, em 1994, os suábios também teriam sido vítimas de uma “guerra assassina de guerrilheiros”, como a população civil nos Balcãs no início dos anos 1990.³⁵ O trecho dá indícios sobre as dificuldades de compreensão acerca dos acontecimentos ocorridos durante e logo após a Segunda Guerra Mundial entre pessoas da colônia que não haviam sido testemunhas daquilo.

Para esse público foi dirigida, dois anos mais tarde, a série publicada no jornal, aqui analisada. Portanto, o tema expulsão (*Vertreibung*), presente no subtítulo da série, não remete somente ao passado vivido há 50 anos. É uma atualização da memória em função das necessidades do presente e do que se busca para o futuro da colônia.

Ao serem publicadas no jornal, as memórias de moradores que viveram a tragédia são transferidas para outra esfera. Saem do seu universo privado e entram no espaço público, não pela sua singularidade, mas sim pela sua possibilidade de generalização, visando à coesão grupal. Não são as experiências traumáticas de um indivíduo único que se quer mostrar. Quer-se mostrá-las, cada uma, como exemplo de um destino coletivo. A exposição do sofrimento individual no espaço público busca transformar os leitores também em testemunhas dessa experiência. Mas, para isso, seleciona-se a narrativa, recorta-se o tempo, fragmentam-se passagens, com o interesse de atingir um leitor ideal coletivo: os “suábios do Danúbio”.

Ao estudar os trabalhos desenvolvidos pela *Comissão de Verdade e Reconciliação* na África do Sul pós *Apartheid*, Rebecca Saunders discutiu as possibilidades de tradução do sofrimento humano para a linguagem dos

³⁴Discurso de Mathias Leh, In: Heinrich Sattler, “Wir sind anders”, *Deutsches Wort* (Suplemento do *Jornal de Entre Rios*), Entre Rios - Guarapuava, n. especial, 8 de junho de 1992, p. 24.

³⁵Sobre os conflitos nos Balcãs na década de 1990, ver Jaime Brener, *Tragédia na Iugoslávia: guerra e nacionalismo no leste europeu*, São Paulo, Atual, 1993.

Direitos Humanos. Para a autora, essa tradução, por um lado, permitiu o reconhecimento dos eventos, a identificação das vítimas e a responsabilização dos perpetradores, mas, por outro, desfigurou a experiência, ao resumi-la em uma linguagem padronizada previamente estabelecida. Saunders aponta que isso decorreu da priorização de uma reabilitação da comunidade — no caso por ela estudado, a nacional — em detrimento do indivíduo, que tem o sentido de sua experiência reduzido.³⁶

Tal análise ilumina a compreensão do trabalho de edição das narrativas individuais que as transformou em relatos publicizáveis em Entre Ríos em 1994. Nela, a memória individual é pressionada e gerenciada por um interesse de coesão coletiva. Essa gestão da narrativa direciona a tentativa de transmissão da experiência. Assim, o registro torna-se uma engrenagem de produção do conhecimento e não uma interlocução.³⁷ Como se poderá perceber a seguir, na análise de uma das entrevistas publicadas, a de dona Katharina, em diversos momentos, ela inicia a fala utilizando-se de expressões como: “o que vocês querem saber...”, “eu quero registrar...”, o que demonstra a sua consciência acerca da importância de sua narrativa testemunhal. Registrar apresentava-se como uma urgência e, em função dela, sua narrativa foi orientada. A experiência pessoal foi gerenciada em prol de um interesse coletivo e, consequentemente, de um interesse político.

A construção de “narrativas de vítimas”

Katharina Hech é uma das pessoas entrevistadas em 1984 cujas memórias são editadas e publicadas no jornal. Nasceu em janeiro de 1927, em Setschan, uma vila cuja maioria dos moradores era de origem étnica alemã, em Banat, antiga Jugoslávia. Katharina era a filha mais velha de uma família de agricultores católicos. Ela havia frequentado a escola agrícola e ajudava a família no trabalho da propriedade. Nos momentos de lazer, frequentava o *Schwäbisches Kulturbund*, a liga cultural dos suábios. Após a invasão da Jugoslávia pelo exército alemão, seu pai passou a servir à Divisão da *Waffen-SS “Prinz Eugen”* para combater os *partisans* sérvios e deixou a família cuidando da propriedade. A partir do início de outubro de 1944, com a entrada dos russos em Setschan, Katharina, então com 17 anos, vivenciou os fatos mais brutais e marcantes de sua vida. A entrevista gravada em 1984, após brevíssimos dados biográficos, inicia exatamente com a descrição da entrada dos russos na vila, como analisaremos mais adiante. Até junho de 1948, Katharina permaneceu separada e sem contato com a família. Na Áustria, os membros da família puderam se reencontrar e ali permaneceram até o início de 1952, quando emigraram para Entre Ríos.

³⁶Rebecca Saunders, “Sobre o intraduzível: sofrimento humano, a linguagem dos direitos humanos, e a Comissão de Verdade e Reconciliação na África do Sul”, *SUR: Revista Internacional de Direitos Humanos*, São Paulo, vol. 5, n. 9, p. 52-75, dez. 2008.

³⁷*Ibidem*, p. 57.

A entrevista de Katharina, como muitas outras publicadas pelo jornal, foi concedida a Jakob Lichtenberger, também um “suábio do Danúbio” da ex-Iugoslávia, nascido em 1909 em Neu Pasova, Sírmia. Diferentemente de Katharina, 18 anos mais nova, a qual foi deportada e submetida a trabalho forçado com 17 anos ao final do conflito, Lichtenberger havia tomado parte ativa na guerra como oficial da *Waffen-SS*. Lichtenberger havia sido um dos principais líderes da *Erneuerungsbewegung* (“Movimento de Renovação”) na Iugoslávia, que, segundo o historiador Thomas Casagrande, visava despertar um sentimento de pertencimento étnico entre os suábios, o qual deveria se sobrepor às diferenças horizontais no interior do grupo, substituindo-as por uma delimitação vertical do grupo étnico em relação a outros.³⁸ Os membros do “Movimento de Renovação” eram ideologicamente orientados pelo nacional-socialismo e, com o apoio do governo nacional-socialista alemão, assumiram a liderança do *Schwäbisches Kulturbund*, a Liga Cultural dos suábios, em 1939, tornando-a uma organização de massa.

No final dos anos 1930, Lichtenberger havia liderado a organização das populações de origem alemã em “unidades de autodefesa” (*Sebstschutz-Einheit*), chamadas *Mannschaften*, apoiadas com armas pelo governo alemão, as quais vieram a formar, após a ocupação da Iugoslávia pela Alemanha em 1941, o núcleo das *Bürgerwehr* para lutar contra os *partisans*.³⁹ Lichtenberger e outro ativista do movimento foram sugeridos por Sepp Janko ao governo alemão para serem líderes da *Waffen-SS*, sendo Lichtenberger, para tanto, enviado para treinamento à Alemanha.⁴⁰ Durante a guerra, lutou nos Balcãs e no *front* no leste, vindo depois a fugir para a Alemanha temendo ser preso e entregue à Iugoslávia pelas forças de ocupação norte-americanas na Áustria.⁴¹ Após se aposentar na função de professor na Alemanha, Lichtenberger veio à colônia de Entre Rios, em 1974.⁴²

À época da entrevista, Lichtenberger era professor da escola e autoridade reconhecida no interior da colônia de Entre Rios. Em 1984 e 1985, realizou entrevistas em dialeto com moradores que haviam vivenciado a guerra como adultos, representando-as nos breves cabeçalhos das transcrições como “relatos”. O objetivo implícito na forma e no conteúdo das entrevistas era construir narrativas de vítimas da guerra. As entrevistas foram transcritas e datilografadas sem as intervenções do entrevistador e entregues ao museu local para guarda e preservação.

³⁸O historiador Thomas Casagrande ressalta os abusos da etnicidade cometidos pelos líderes do “Movimento pela Renovação”, cujas medidas lembravam, em muitos pontos, a política nacional socialista no Terceiro Reich. Seu programa e medidas visavam despertar um sentimento de pertencimento étnico, o qual deveria se sobrepor às diferenças horizontais no interior do grupo, substituindo-as por uma delimitação vertical do grupo étnico em relação a outros. Thomas Casagrande, *Die Volksdeutschen SS-Division “Prinz Eugen”: Die Banater Schwaben und die Nationalsozialistischen Kriegsverbrechen*, Frankfurt am Main, Campus Verlag, 2003, p. 137.

³⁹*Ibidem*, p. 156-157.

⁴⁰*Ibidem*, p. 143.

⁴¹“Nachruf”, *Revista de Entre Rios*, Guarapuava, março de 2005, p. 7.

⁴²*Ibidem*. Nesse obituário publicado no periódico local, Lichtenberger é biografado por meio de adjetivos positivos.

Somente 10 anos depois, em março de 1994, trechos do “relato” de Katharina foram publicados em duas edições do *Jornal de Entre Ríos*, no interior da série anteriormente mencionada. Na primeira edição, os trechos se referem à chegada dos inimigos e aos fuzilamentos de alemães ocorridos em Setschan (Figura 2). Na segunda, os trechos se referem à sua deportação para a Ucrânia e ao trabalho forçado ao qual ela e outros suábios foram submetidos. Além de testemunha dos fatos ocorridos durante a chegada dos *partisans* e dos russos, ter sido uma das mulheres deportadas fazia de Katharina uma voz autorizada e ideal para compor uma narrativa trágica daquele povo. Até hoje, Katharina é indicada por outros moradores da colônia para testemunhar sobre o passado da guerra.

A transcrição da entrevista originalmente concedida, na qual se baseiam as edições, tem um total de 28 páginas datilografadas.⁴³ Nelas, as perguntas e intervenções do entrevistador foram suprimidas ou, em diversos trechos, incorporadas à própria fala da entrevistada pelo transcritor.⁴⁴ Assim, o processo dialógico de produção da entrevista foi apagado pela transcrição, a qual descaracterizou a entrevista, transformando-a num “relato” testemunhal.

Os trechos citados no jornal, em ambas as edições, perfazem apenas três páginas, o que demandou uma considerável seleção de trechos, indicada ao final do “relato” publicado por meio da palavra *Bearbeitung* (edição), seguida do nome do editor. Não são sinalizados os cortes no texto editado, o qual, entretanto, apresenta fluidez e coerência para os propósitos da série.

Os eventos tratados nas edições são os mais extremos e brutais vivenciados direta ou indiretamente por Katharina. Morte, humilhação, medo, separação da família, fome, frio, incerteza sobre o futuro são alguns dos temas recorrentes. Quanto mais avança a transcrição do “relato” original, menos fragmentos dele foram selecionados para compor o texto publicado. Boa parte dos eventos mais brutais e considerados relevantes foi relatada logo no início, pois parecia claro a Katharina que sua fala deveria constituir um testemunho sobre o sofrimento dos “suábios do Danúbio”.

A parte publicada na primeira edição do jornal trata do curto período de três meses, do início de outubro ao final de dezembro de 1944, que compreendeu a chegada dos russos até a sua deportação. Já bem no início da entrevista editada, e também da entrevista transcrita, Katharina narra a respeito: “Eu só quero contar para vocês como foi quando os russos entraram [na vila]: no dia primeiro de outubro, o dia mais tenebroso para a nossa vila e a nossa família.”⁴⁵ O uso do pronome da segunda pessoa do plural (*eich*: vocês) como predicado denota a consciência de não estar falando apenas para o entrevistador, mas para os possíveis ouvintes/leitores do seu testemunho.

Muito embora a chegada dos russos tenha sido representada como “o dia mais tenebroso para a nossa vila e a nossa família”, linhas depois, Katharina

⁴³Entrevista com Katharina Hech, realizada por Jakob Lichtenberger. Entre Ríos, colônia Samambaia, 3 de dezembro de 1984. A fita gravada e a transcrição fazem parte do acervo do museu histórico de Entre Ríos.

⁴⁴Não foi possível identificar a autoria da transcrição.

⁴⁵“Ein Volk kämpft um seine Zukunft. Die Vertreibung der Donauschwaben. Siedler aus Entre Ríos berichten über ihr Leben”, *Deutsches Wort* (Suplemento do *Jornal de Entre Ríos*), Entre Ríos – Guarapuava, 19 de março de 1994, D1.

JORNAL DE ENTRE RIOS

Deutsches Wort

D1

Beilage in deutscher Sprache
(Não pode ser vendido separadamente)

Nr 168 - 19. März 1994

ENTRE RIOS, GUARAPUAVA

EIN VOLK KÄMPFT UM SEINE ZUKUNFT

Die Vertreibung der Donauschwaben

- Siedler aus Entre Rios berichten über ihr Leben -

Heute berichtet hier Katharina Hech aus Setschan im jugoslawischen Banat, wohnhaft in Samambaiá, im 5. Dorf.

Die original Tonbandaufnahme wurde von Ostr. Jakob Lichtenberger am 3. Dezember 1984 gemacht. Sie ist im Heimatmuseum von Entre Rios aufbewahrt.

"Nur des will ich euch verzähle, wie des war als die Russen reinkommn sin: Am 1. Oktober, dr danktsche Tag for unser Dorf an for unsre Familie. Mir ham auch wolle fliechte wie so viele andre, un haet alles schon zur Flucht berg'nicht g'hat, nur mir han kei Gelegenheit mehr g'hat zu fliechte. Mir sollte sunndags fliechte, un zwei Täch vorher ware die Russen schon bei uns im Dorf.

Mit die Russen was's net so schlumm wie mit die Partisan nochher. Die ham Nacht fir Nacht hunderte Männer zammlaht un han se bis Betschkerek, Modosch odr in an andres Dorf gebrung zum erschiesse. Von unsre eigne Familie is unsrer Onkel erschoss gin. Die Dörfbewohner han dauernd in Angst gelebt, dass jede Nacht jemand kommt sie hole, Männer un Frau un junge Buwe far erschiesse.

Mal a Tag simt zum Bahnhof kumm, han se Zügl abklopfe. Un da han se uns net reingelost. Mir han net gewusst warum. No hem durch de Zaun reing'schaut, dort war a Astloch im Brett. No ham gese, dass sie zwanzig bis dreissig junge Bunsche van zweif bis vierzehn Jahre

rausgetrieb han van ame Waggon un haet se dort in die Badezimme getrieb. Die Hind hon se mit Stacheldraht zammiegebende ghat un die Auge un dr ganze Kopf war schun vrschwole un vrschlage von die Partisan. Sie han sie wieder zurück in die Waggon. No hamr nur noch gheert wie's grumpli hat. Uf omo! war's xill, un nat am Waggon is Blut rausgetropft.

Spätr noches ham erfahre, dass se die Kinder alle totgeschlage han g'hat

**Nacht fr Nacht
han se Leit
zammgeschleppt,
Männer un Fraue
un junge Buwe for
Erschiesse**

un bei Modosch newe dr Stross begrawe han.

Un dann han ich noch a Erlebeis. Ich waasa net genau den Tag, wo Belgrad 1944 g'fall is, do han se mich un noch vier andre Mädel un Frau g'holt far Koche, weil in eme Baurehaus war a Hospital for russische Vrundis eingerichti gwen. Un wie mr doot

getau haet un des Gflieg abgesputzt han, han die Partisan mit de Maschinepistole immer um uns runderum g'schoss. Den Tag han mir gedenk, dass mir nimmer lewendich vun dort weggeha.

No mecht ich noch was nachfrage. Ich hab's net selber erlebt, awr ich hab's spät erzähle gheert. In unserm Nachbarsdorf Neusin has die Partisan a Fest gemacht. Sie han zwanzig deutsche Männer von Setscha, Setschan un Neusin, von die umliegenden deitsche Dorf zammeklaubt. Un da Hebeponkt vun dem Fest war, dass se die zwanzig Mensche erschlaucht han, of Sticks zrschnitte un mitte im Tanzsaal ufgheift han und runderum getanz sin. Spätr hamr von jemand gheert, was Zeige war, dass netemol mit viel Wassr des Blut rauszuwäsche war, soviel Blut war in dem Saal gewan.

Unser Dorf hat a trauriche Bilanz zu vreziehne. A Viertl van die Dorfbewohner is unsre Lewe kumm. Zweitausendfufzich Mensche hat unsr Dorf gezählt, 531 sin unsre Lewe kumm. Teils als Soldate andr Front gfall, Männer und Frau un Kinner in die Lager Modisdorf, Rudolfsgraud, in die berichtigt Vertriebungslager sin dort totgeschlage wore odr sin vruhungert odr vrgift wore oder aus Erschöpfung odr vor Hungr g'störd. Sin hundertdreizehn von unsrem Dorf nach Russland

**Viel spätr nochher
hamr erfahre,
dass sie die Kinder
alle totgeschlage
han ghat un bei
Modosch newr
dr Stross
begrawe han**

gfliegt."

Es ging aber nach Russland - darüber berichteten wir in der nächsten Ausgabe.
(Bearbeitung: H. Sattler)



Katharina Hech am 10. Februar 1990

Fonte: *Deutsches Wort* (Suplemento do *Jornal de Entre Rios*), Entre Rios - Guarapuava, n. 168, 19.03.1994, D1.

Figura 2. A transformação da entrevista em testemunho:
a publicação da entrevista de Katharina Hech.

relativiza seu posicionamento frente àqueles: “Com os russos não foi tão terrível como depois com os *partisans*”.⁴⁶ Na sequência, ela comenta sobre os fuzilamentos efetuados pelos *partisans*, num dos quais foi morto seu tio. Ela própria não assistiu a esse evento. Mas ela narra a respeito de outro fuzilamento, adicionando informações que veio a saber depois:

Uma vez, nós chegamos na estação de trem [provavelmente destruída anteriormente pelas tropas alemãs], e nós tínhamos que tirar o cimento dos tijolos. E aí eles [*partisans*] não nos deixaram entrar. Não sabíamos o porquê. Nós olhamos através da cerca, ali tinha um buraco na tábua e por ali vimos que eles empurraram vinte, até trinta rapazes, jovens de 12 a 14 anos, pra fora de um vagão em direção aos banheiros. Eles tinham amarrado as mãos deles com arame farrapado, os olhos e toda a cabeça já estavam inchados e machucados pelos *partisans*. Aí eles os empurraram de novo de volta para o vagão. Nós ainda escutamos um barulho. De repente, tudo estava em silêncio e embaixo do vagão começou a escorrer sangue. Mais tarde nós ficamos sabendo que eles tinham matado aquelas crianças e as enterrado em Modosch, na beira da estrada.⁴⁷

No trecho publicado logo depois, Katharina conta sobre o medo que sentiu de ser ela própria assassinada. Ela e outras mulheres haviam sido levadas para cozinhar para soldados russos feridos numa casa improvisada para servir de hospital: “E quando nós estávamos lá de pé limpando as aves abatidas, os guerrilheiros ficavam atirando com as pistolas ao nosso redor. Neste dia nós pensamos que não iríamos sair dali com vida”. Esse trecho foi precedido pela frase: “E então eu tenho mais uma vivência pra contar”, sinalizando, como outras frases e expressões presentes na narrativa, que houve uma reflexão anterior sobre o que seria relevante narrar.

Logo a seguir, tanto na versão oral quanto na publicada, Katharina novamente acentua a vontade de registrar (*nachtragen*) mais um episódio, mesmo que este não tenha sido vivenciado por ela própria, como ela mesma esclarece:

Eu quero registrar mais uma coisa. Não fui eu mesma que vivi isso, mas eu ouvi mais tarde: em Neusin, vila vizinha à nossa, os guerrilheiros fizeram uma festa. Eles juntaram vinte homens alemães das vilas ao redor de Sartscha, Setschan e Neusin. E o ponto alto da festa foi que eles massacraram aquelas vinte pessoas, cortaram em pedaços, empilharam no meio do salão e dançaram ao redor. Mais tarde nós escutamos de alguém, que era testemunha daquilo, que nem com muita água se conseguia tirar o sangue do chão, de tanto sangue que tinha.⁴⁸

⁴⁶“Ein Volk kämpft um seine Zukunft. Die Vertreibung der Donauschwaben. Siedler aus Entre Rios berichten über ihr Leben”, *Deutsches Wort* (Suplemento do Jornal de Entre Rios), Entre Rios – Guarapuava, 19 de março de 1994, D1.

⁴⁷“Ein Volk kämpft um seine Zukunft. Die Vertreibung der Donauschwaben. Siedler aus Entre Rios berichten über ihr Leben”, *Deutsches Wort* (Suplemento do Jornal de Entre Rios), Entre Rios – Guarapuava, 19 de março de 1994, D1.

⁴⁸“Ein Volk kämpft um seine Zukunft. Die Vertreibung der Donauschwaben. Siedler aus Entre Rios berichten über ihr Leben”, *Deutsches Wort* (Suplemento do Jornal de Entre Rios), Entre Rios – Guarapuava, 19 de março de 1994, D1.

A emblemática estória da dança macabra com partes dos corpos esquartejados e do salão impregnado de sangue, além de outras que ouviu contar e que narra na entrevista revelam o compartilhamento de memórias de eventos traumáticos entre os sobreviventes. Esses compartilhamentos transmitidos oralmente e reproduzidos também por meio de publicações cumprem uma função na construção de uma identidade coletiva de vítimas. O trauma diagnosticado no livro de Elfes e no relatório de Grossner, apresentado no início deste artigo, encontrava um tratamento na composição e na edição de memórias como as de Katharina, fragmentadas e expostas no espaço público.

Ter sido uma das mulheres deportadas fazia de Katharina uma voz autorizada e ideal para compor uma narrativa trágica daquele povo

O trecho citado nos chama a atenção também para o mecanismo de inserção de informações alheias no testemunho. A memória traumática as absorve na construção de uma narrativa autobiográfica. Apesar de Katharina afirmar que irá contar “como foi, quando os russos chegaram”, narra esses acontecimentos não só a partir de suas experiências, mas também de informações compartilhadas depois, ou até mesmo da leitura de livros e outros impressos. Katharina torna-se um sujeito de memória, uma fala autorizada sobre o passado, não somente por suas vivências, mas também pelo que sabia por outros meios. Daí também a precisão de alguns dos dados apresentados, como o número de mortos de sua vila:

Nossa vila tem um triste balanço a registrar. Um quarto dos habitantes morreu. Nossa vila contava com duas mil e cinquenta pessoas, 531 morreram: em parte tombaram no front como soldados, homens, mulheres e crianças foram assassinados nos campos de Molidorf, Rudolfsgrnad, nos famigerados campos de extermínio, ou foram espancadas até a morte ou morreram de fome ou foram envenenadas ou morreram esgotadas de tanto trabalhar ou de fome. Cento e treze da nossa vila foram deportados para a Rússia e doze morreram na Rússia.⁴⁹

A narrativa do trecho é estruturada pela enumeração dos destinos trágicos dos moradores de sua vila. São números que Katharina dificilmente teria guardado à mente sem o auxílio de algum material de apoio. Como ela, muitos dos imigrantes em Entre Ríos possuem em casa um *Heimatbuch* (*Heimat*: lar/pátria; *Buch*: livro), livro ilustrado com fotografias sobre, entre outros aspectos, a história da localidade de origem. Esses livros foram organizados e publicados após a guerra por entidades de alemães expulsos da mesma localidade de origem, como resultado

⁴⁹“Ein Volk kämpft um seine Zukunft. Die Vertreibung der Donauschwaben. Siedler aus Entre Ríos berichten über ihr Leben”, *Deutsches Wort* (Suplemento do Jornal de Entre Ríos), Entre Ríos – Guarapuava, 19 de março de 1994, D1.

de todo um esforço para reconstruir o passado alemão daquelas localidades e relacioná-lo à história das famílias. É a pátria perdida em papel, a qual muitos imigrantes guardam e mostram quando falam de sua pátria de origem.⁵⁰ Nas três entrevistas realizadas pelos autores com Katharina, por exemplo, em 2005, 2010 e 2012, ela mostrou fotos e documentos constantes do *Heimatbuch*⁵¹ que possui em casa, com o intuito de ilustrar, provar afirmações ou reforçar argumentos presentes na narrativa oral.

Testemunhar apresenta-se como uma operação, pois fazer uma narrativa autobiográfica de um acontecimento passado envolve diferentes componentes de credibilidade para ser percebido como um testemunho. Segundo Paul Ricoeur, tal operação envolve, primeiro, uma demarcação de fronteira entre a ficção e a realidade, ou seja, é necessário lidar com as suspeitas.⁵² Em seguida, o autor aponta que existe uma opacidade da narrativa, ou seja, os interesses do narrador e do receptor são diversos, pois narrar é sempre um diálogo; assim, o testemunho precisa enfrentar a confrontação pública e, nisso, necessita ser reiterado constantemente. Só assim uma narração torna-se testemunho fiduciário e, até mesmo, um *habitus* de uma comunidade. A fala de Katharina parece conseguir cumprir com sucesso essa operação quando editada e publicada pelo jornal.

O final do primeiro trecho do “relato” publicado se refere ao principal tema da edição seguinte: a deportação. Katharina e outros destinados à deportação haviam sido informados inicialmente pelos *partisans* que deveriam ajudar a colher o milho das plantações na região de Batschka, cujos moradores haviam fugido antes da chegada dos russos. Mas, na verdade, como o editor anuncia, todos seriam deportados para a “Rússia”. Ao esclarecer: “[...] sobre isso *nós* relataremos na próxima edição [grifo nosso]”,⁵³ o editor deixa implícito também o papel do jornal na composição daquele “relato”.

“A grossa crosta marrom”: ressentimento e esquecimento na sobrevida

Na edição seguinte do jornal, o “relato” ocupa duas páginas inteiras. Ali são abordados os temas da deportação e dos trabalhos forçados aos quais Katharina e outras mulheres foram submetidas por quase dois anos e meio na Ucrânia, União Soviética. O início deixa-nos entrever os interesses do entrevistador na construção da narrativa testemunhal e do jornal na composição do “relato”: “Agora vocês querem saber como nós ficamos sabendo que nós deveríamos ir para a Rússia”.⁵⁴ Katharina parece narrar a um público, não apenas ao entrevistador.

⁵⁰O caráter comunicativo da memória é perceptível em muitas das entrevistas feitas com imigrantes e descendentes na colônia por meio do projeto desenvolvido. Muitos deles já recebem os pesquisadores com fotografias, documentos e livros dispostos sobre a mesa, inserindo em suas narrativas informações e interpretações constantes nessas fontes ou mesmo construindo suas narrativas a partir delas.

⁵¹Peter Grassl, *Setschan: Eine Bilddokumentation*, Esslinger am Neckar, Bruno Langer Verlag, 1980.

⁵²Paul Ricoeur, *A memória, a história e o esquecimento*, Campinas, Editora da Unicamp, 2007, p. 172-175.

⁵³“Ein Volk kämpft um seine Zukunft. Die Vertreibung der Donauschwaben. Siedler aus Entre Ríos berichten über ihr Leben”, *Deutsches Wort* (Suplemento do Jornal de Entre Ríos), Entre Ríos - Guarapuava, 19 de março de 1994, D1.

⁵⁴“Ein Volk kämpft um seine Zukunft. Die Vertreibung der Donauschwaben. Siedler aus Entre Ríos berichten über ihr Leben”, *Deutsches Wort* (Suplemento do Jornal de Entre Ríos), Entre Ríos - Guarapuava, n. 169, 26 de março de 1994, D1.

Após terem caminhado a pé mais de 40 quilômetros, Katharina e outros adentraram o campo de Betschkerek, uma antiga prisão, onde permaneceram 3 dias muito marcantes: “O que nós vimos e ouvimos! Lá mataram de 150 a 200 homens por noite, noite após noite, aqueles que eles tinham expulsado de toda a região de Banat. No meio do pátio eles os fuzilaram e os carregaram nas carroças, e os outros tinham que enterrá-los. No meio do pátio havia uma crosta grande e grossa, era marrom, Mais tarde descobrimos que era o sangue dos homens que ali haviam sido mortos. Um cigano era o comandante do acampamento e ele foi o culpado de todos os assassinatos que ali ocorreram!”⁵⁵

O sangue, novamente mencionado, torna-se elemento simbólico do sacrifício do povo suábio, apropriada do vocabulário cristão, tão forte entre os imigrantes da comunidade de Entre Rios. A “grossa crosta marrom”, que mesmo muito lavando não saía, tal como a mancha de sangue no chão deixada pela dança macabra com partes dos corpos esquartejados, talvez possa ser compreendida como uma metáfora daquele passado que não se apagava da memória.⁵⁶ Não esquecer, a propósito, era o objetivo maior da série publicada no jornal.

O trecho em que Katharina ressalta ter sido um comandante cigano o culpado dos fuzilamentos demonstra sua preocupação em identificar, a partir de critérios étnico-raciais, o perpetrador. No trecho seguinte, Katharina se demora na descrição do transporte dos deportados em vagões para gado. O caráter extraordinário de suas experiências até mesmo dentro da colônia eram-lhe conscientes e talvez inspirassem maior interesse, por parte tanto do interlocutor da entrevista, quanto do leitor do jornal, daí a inserção do trecho.

Noutro trecho citado, Katharina esclarece que pessoas presas em Betschkerek teriam explicado a ela, depois, o porquê daquela crosta marrom no meio do pátio. Mais uma vez, percebemos como sua narrativa é composta misturando experiências próprias e informações compartilhadas depois, num processo comunicativo de construção da memória.⁵⁷

Como demonstra o psicólogo social Harald Welzer e sua equipe, em estudo sobre a memória do nacional-socialismo e do Holocausto em famílias alemãs, as ideias e as imagens que as pessoas fazem do passado são compostas de diversos fragmentos de fontes muito disparates, como livros de história, filmes, conversas na família e na escola, além das próprias experiências individuais.⁵⁸ Os autores se baseiam nas formulações de Jan Assmann (1995) sobre a “memória comunicativa”, uma espécie de memória de curta geração da sociedade, por meio da qual indivíduos e grupos presentificam o passado, sempre a partir de um ponto fixo no presente, ressaltando como os critérios de verdade dessa

⁵⁵“Ein Volk kämpft um seine Zukunft. Die Vertreibung der Donauschwaben. Siedler aus Entre Rios berichten über ihr Leben”, *Deutsches Wort* (Suplemento do Jornal de Entre Rios), Entre Rios – Guarapuava, n. 169, 26 de março de 1994, D1.

⁵⁶A propósito, em Entre Rios, todos os anos no mês de outubro é realizada uma procissão à capela construída para esse fim (*Wallfahrtskapelle*) e dedicada à Virgem Maria, para rememorar os mortos nos campos em 1946 na Iugoslávia, onde foram confinados “suábios do Danúbio”.

⁵⁷Sobre o funcionamento da “memória comunicativa”, ver Harald Welzer, *Das kommunikative Gedächtnis: Eine Theorie der Erinnerung*, 2. ed., München, Beck, 2008.

⁵⁸Harald Welzer; Sabine Moller; Karoline Tschuggnall (orgs.), “*Opa war kein Nazi*”: Nationalsozialismus und Holocaust im Familiengedächtnis, 6. ed., Frankfurt am Main, Fischer Taschenbuch Verlag, 2008, p. 9.

memória são orientados pela lealdade ao grupo “nós”.⁵⁹ No caso de Katharina, o “nós” é o “povo suábio” que, após os acontecimentos vividos durante a fuga e a expulsão, passaram também a compartilhar memórias compostas a partir do que viveram, ouviram e leram.

A narrativa presente na entrevista concedida a Lichtenberger, em 1984, se comparada à de entrevistas dadas recentemente aos autores, é mais fatual e descriptiva. A subjetividade é diminuída diante da objetividade dos acontecimentos coletivos, a não ser em poucos momentos, como quando deixa transparecer a dor da separação da família causada pela deportação: “Na noite de São Silvestre nós passamos [de trem] pela nossa vila. Foi a última vez que eu vi algo de meu local de origem. Eu ainda ouvi nosso cachorro latir, nós não morávamos longe da via férrea”.⁶⁰ A distância entre o que pode ser dito sobre essa experiência e o que foi suportá-la apresenta-se como um fosso irredutível.⁶¹

Numa viagem de aproximadamente 30 dias, num vagão escuro com um total de 40 pessoas, Katharina foi transportada até a Ucrânia. A noção de que aquela era uma deportação em massa somente lhe ficou clara quando se aperceberam do número de vagões daquele transporte: “Quando nós passamos numa curva nós vimos que estávamos num trem com mais de 100 vagões. Uma locomotiva empurrava atrás e duas na frente”.⁶²

No meio do pátio havia uma crosta grande e grossa, era marrom, Mais tarde descobrimos que era o sangue dos homens que ali haviam sido mortos

A deportação de alemães e descendentes para exercerem trabalho forçado na União Soviética foi exigida por Josef Stálin aos demais aliados pela primeira vez em 1943, como reparação às destruições causadas pelo exército alemão. Somente da Iugoslávia, 8 mil mulheres e 4 mil homens foram deportados em 8 transportes.⁶³

Num tom ressentido, Katharina narra suas vivências no campo de trabalho de Kriwoj Rog, para onde foi primeiramente levada:

Eles sempre nos davam palestras políticas, falando como nossa vida era boa, porque fomos deportados pra Rússia, que os alemães fizeram muito mais coisas com os russos, que eles eram

⁵⁹ Jan Assmann, “Collective memory and cultural identity”, *New German Critique*, vol. 65, 1995, p. 125-133; Harald Welzer; Sabine Moller; Karoline Tschuggnall (orgs.), “*Opa war kein Nazi*”: Nationalsozialismus und Holocaust im Familiengedächtnis, 6. ed, Frankfurt am Main, Fischer Taschenbuch Verlag, 2008, p. 12-13.

⁶⁰ “Ein Volk kämpft um seine Zukunft. Die Vertreibung der Donauschwaben. Siedler aus Entre Rios berichten über ihr Leben”, *Deutsches Wort* (Suplemento do Jornal de Entre Rios), Entre Rios – Guarapuava, n. 169, 26 de março de 1994, D1.

⁶¹ François Hartog, *Evidência da história: o que os historiadores veem*, Belo Horizonte, Autêntica, 2011, p. 211.

⁶² “Ein Volk kämpft um seine Zukunft. Die Vertreibung der Donauschwaben. Siedler aus Entre Rios berichten über ihr Leben”, *op. cit.*

⁶³ Fritjof Meyer, “Hohn für die Opfer”, In: Stefan Aust; Stephan Burgdorff (orgs.), *Die Flucht: Über die Vertreibung der Deutschen aus dem Osten*, Bonn, Bundeszentrale für politische Bildung, 2005, p. 102.

bons pra gente, coisas assim. Isso nós logo vimos, como eram bons. Em fevereiro eles nos levaram pra margem do rio, ali vinham madeiras rio abaixo de algum lugar. E nós tínhamos que puxar aquela madeira para a margem com um gancho. Toda a noite a gente chegava em casa molhada até os quadris e os uniformes estavam congelados, duros de tão congelados. As minhas mãos estavam tão congeladas que os ossos estavam de fora, a carne tinha caído.⁶⁴

Na sequência, com tom de indignação, ela se refere à descoberta por acaso, durante trabalhos numa estrada, de uma vala comum com ossos de soldados alemães: “Frequentemente a gente tinha que cavar e certa vez apareceu um uniforme de um soldado alemão. Um pouco depois a gente viu, ali era uma vala comum de alemães, pés e mãos estavam de fora. Eles estavam enterrados como animais”⁶⁵

Katharina segue narrando sobre o trabalho numa metalúrgica, onde todos os dias trabalhavam oito horas seguidas sem receber alimentação, e sobre o longo trajeto a pé até o local de trabalho, sob baixíssimas temperaturas no inverno e as mortes daí decorrentes.

Em que pese às condições extremas de vida e de trabalho nos campos de trabalho e o tom ressentido de muitas passagens, Katharina não trata os russos como uma categoria monolítica, sobretudo quando se ouve e se lê a entrevista no todo, na qual aparecem algumas cenas de contato com a população russa ou mesmo com os responsáveis pela vigilância e controle dos trabalhos. No jornal, entretanto, o seguinte trecho é mencionado: “Eles sempre nos diziam, os alemães eram porcos, nós vivemos até bem entre eles [os russos]. Em parte eles tinham pena da gente, em parte nos odiavam, tanto que cuspiam na gente”⁶⁶ O editor deu destaque à última frase, ao repeti-la em letras maiores no interior do texto publicado. Katharina havia se referido a esse tema por conta do interesse do entrevistador — algo perceptível somente a partir da escuta da fita gravada — sobre a relação com a população russa.

Em trecho publicado, Katharina critica a atitude de oficiais alemães — provavelmente da zona de ocupação russa da Alemanha — que teriam procurado convencê-la a ficar na União Soviética, demonstrando ojeriza à suposta falta de lealdade daqueles aos “camaradas” alemães. Nesse e outros trechos da entrevista, fica claro seu posicionamento anticomunista:

[...] veio uma comissão, eles disseram de Moscou, com oficiais alemães. Eles vestiam o uniforme completo deles com todas as condecorações e proferiram palestras, que nós deveríamos ficar na Rússia, que ali é o nosso futuro. A Alemanha perdeu a guerra e a Iugoslávia está totalmente destruída, nós nem poderíamos

⁶⁴“Ein Volk kämpft um seine Zukunft. Die Vertreibung der Donauschwaben. Siedler aus Entre Ríos berichten über ihr Leben”, *Deutsches Wort* (Suplemento do Jornal de Entre Ríos), Entre Ríos - Guarapuava, n. 169, 26 de março de 1994, D1/D2.

⁶⁵*Ibidem*, D2.

⁶⁶*Ibidem*.

voltar pra casa. Mas ninguém assinou os contratos, pois nós pensamos que aquilo era um blefe, porque aqueles que tinham os seus uniformes, eles certamente traíram seus camaradas. E esse tipo de gente eu desprezo. Ou você se mantém firme em prol de um ideal ou você não tem nenhum.⁶⁷

Para Katharina e outros deportados, a guerra parecia ainda não haver terminado. Os russos continuavam inimigos, daí representar aqueles oficiais alemães da zona russa de ocupação alemã como traidores. Nesse sentido, o próprio anticomunismo pode ser visto como um elemento para manter a ideia de um grupo, o dos “suábios do Danúbio”, que, durante a guerra, haviam lutado contra os *partisans* comunistas em apoio às tropas do exército alemão.

A expressão de uma convicção — “Ou você se mantém firme em prol de um ideal ou você não tem nenhum” — é também repetida em letras maiores no interior texto publicado pelo editor, algo muito significativo se considerarmos a menção ao povo (*Volk*) no título da série de “relatos”.

Katharina narra de forma objetiva ter sido a única do seu turno de trabalho que havia sobrevivido, após terem descarregado sal, sob temperaturas baixíssimas, por 16 horas consecutivas. Por conta da consequente pneumonia, mais tarde obteve a notícia de que havia sido selecionada a “voltar à pátria” (usa o termo *Heimkehrer*, “o que retorna à pátria”). Ela e outras moças liberadas só teriam acreditado estar “retornando à pátria” quando perceberam estar passando pela Polônia. Interessante o fato de que, mesmo o retorno não tendo sido para a Iugoslávia, sua terra natal, Katharina comprehende a Alemanha como “pátria”: “Nós só achamos que iríamos mesmo voltar quando nós estávamos na Polônia. E realmente logo chegamos em Frankfurt am Oder”.⁶⁸ Porém, ao chegar na Alemanha, Katharina logo se desaponta, ao perceber que não tinha direito de ali permanecer e concluir que todo o sofrimento em nome dos “alemães” não era reconhecido. A expressão desse ressentimento, entretanto, não aparece na entrevista publicada pelo jornal. Ali, o ressentimento é apenas contra os russos e os *partisans* sérvios.

A descrição de como recebeu a informação de que não poderia retornar à Iugoslávia, por ser considerada alemã, dada de forma áspera pelo guarda do consulado daquele país em Berlim, constitui o último fragmento publicado no jornal. Katharina assim narra seu desespero e desolação: “O guarda nem deixou a gente entrar. ‘Vocês são alemãs — ele falou isso em sérvio — o povo de vocês eles assassinaram tudo, vocês não devem ir pra Iugoslávia’. Então nós sentamos no meio fio, em Berlim, sem dinheiro, e começamos a chorar”.⁶⁹ Esse desfecho é significativo, pois expressa a notícia da tragédia do seu povo, a perda da pátria, o desespero e a falta de perspectiva para o futuro.

⁶⁷“Ein Volk kämpft um seine Zukunft. Die Vertreibung der Donauschwaben. Siedler aus Entre Ríos berichten über ihr Leben”, *Deutsches Wort* (Suplemento do Jornal de Entre Ríos), Entre Ríos – Guarapuava, n. 169, 26 de março de 1994, D2.

⁶⁸*Ibidem*.

⁶⁹*Ibidem*.

É o editor, ao final, que informa o leitor sobre como Katharina reencontrou a família em 1948 na Áustria. Suas considerações finais deixam claro o objetivo da publicação daquele “relato” e também da própria série: “Destinos humanos sobre os quais nenhum filme de denúncia é rodado, o que também não estaria de acordo com as diretrizes das associações de alemães expulsos: **Perdoar, mas não esquecer**”⁷⁰ O lema utilizado, “Perdoar, mas não esquecer”, que rege a política de memória de muitas associações de alemães expulsos, deixa entrever a existência de disputas em relação ao tratamento dado ao passado. O uso da palavra “denúncia” (*Anklage*) pelo editor denota a reinvindicação do estatuto de vítima para os suábios do Danúbio e, por isso, a afirmação de um “dever de memória” para se evitar o esquecimento. A frase apresenta o tom de advertência. O comentário parece ser uma reação à produção de filmes sobre vítimas da Segunda Guerra Mundial, entre as quais não figuraria, segundo o editor, “destinos” como o de Katharina.

A série publicada pelo Jornal de Entre Rios pode ser compreendida como uma espécie de “guerra de memórias” na qual os suábios lutam pelo seu reconhecimento enquanto vítimas da guerra

Considerando a globalização da memória do Holocausto, em curso desde os anos 1980, pode-se refletir sobre o comentário do editor como uma reação a discursos de memória na esfera pública internacional que focalizam as vítimas do nacional-socialismo. O *Jornal de Entre Rios*, portanto, mediante a publicação das “narrativas de vítimas alemãs”, investe na politização do trauma, diante dos ressentimentos existentes em relação ao passado e também ao presente.

Esse “passado que não quer passar”, movimento característico do trauma, em que o recalcado sempre retorna, é rememorado e politizado no público. Como distingue Aleida Assmann, o tema da “expulsão”, na Alemanha, não é um trauma tabuisado socialmente, mantido no silêncio, tal como os estupros de mulheres alemãs ocorridos no final da guerra, mas um trauma politizado (*politisiertes Trauma*).⁷¹

No caso da colônia de Entre Rios, os imigrantes e seus descendentes estavam inseridos numa “cultura de memória”, a qual, muito embora tivesse elos de comunicação com a Alemanha, tinha de lidar também com a realidade brasileira. Todavia, não era ao público leitor de língua portuguesa, mas sim ao de língua alemã a que se destinava o suplemento do jornal em que foram publicados os “relatos”. E também ali o trauma da expulsão é politizado, pois

⁷⁰“Ein Volk kämpft um seine Zukunft. Die Vertreibung der Donauschwaben. Siedler aus Entre Rios berichten über ihr Leben”, *Deutsches Wort* (Suplemento do *Jornal de Entre Rios*), Entre Rios - Guarapuava, n. 169, 26 de março de 1994, D2.

⁷¹Aleida Assmann, “Deutsche Opfernarrative”, In: ___, *Der lange Schatten der Vergangenheit: Erinnerungskultur und Geschichtspolitik*, Bonn, C.H. Beck, 2007, p. 184.

se reivindica um estatuto de vítima para os suábios do Danúbio e se afirma a necessidade de “superação racional” do passado. A politização do trauma em nível local ocorre no diálogo com discursos de memória sobre a guerra veiculados em nível internacional. Nesse movimento, o passado vivido durante a guerra é politizado pelo jornal.

Segundo Aleida Assmann, a partir do fenômeno da globalização da memória do Holocausto, uma terminologia estandardizada utilizada na sua rememoração passou a ser apropriada por outras experiências traumáticas. Ao analisar “narrativas de vítimas alemãs” relativas aos bombardeios dos Aliados e à expulsão do leste, centro-oeste e sudeste europeus, Assmann mostra como fronteiras entre vítimas e perpetradores são apagadas por meio não apenas de argumentos, mas também do próprio uso da linguagem.⁷² No caso dos suábios do Danúbio de Entre Rios, por exemplo, o uso em entrevistas e nos artigos do jornal local da expressão *Vernichtungslager* (“campos de extermínio”) para se referir aos campos nos quais foram confinados durante a guerra sinaliza a apropriação de elementos linguísticos daquela terminologia.

A série publicada pelo *Jornal de Entre Rios* pode ser compreendida, então, como uma espécie de “guerra de memórias” existente em nível global, na qual os suábios lutam pelo seu reconhecimento enquanto vítimas da guerra. Isso nos lembra investigação baseada em história oral sobre os prisioneiros confinados em Sachsenhausen, em Berlim, campo de concentração durante o regime nacional-socialista, transformado depois da guerra em campo especial soviético de “internação de pessoas perigosas”. Durante a pesquisa, se observou como os alemães internados nos últimos campos lutavam para que fossem reconhecidos como vítimas, comparando suas experiências com as dos internados em campos de concentração, tentando, por meio do entrevistador, tornar públicas suas experiências.⁷³

A expressão da necessidade de uma “superação racional do passado”, pleiteada pelo editor do *Jornal de Entre Rios* citado, pode ser compreendida a partir dessa “guerra de memórias”. Segundo sua concepção, haveria um passado a ser superado, mas não de qualquer forma e sim de forma “racional”. Essa reivindicação pressupunha a compreensão de que o passado não seria visto de forma objetiva. A inclusão da palavra “racional”, portanto, politiza o dever de memória expresso por meio do lema “Perdoar, mas não esquecer”.

A rememoração do passado e a construção de “narrativas de vítimas”, contudo, também foi operada por meio de silenciamentos, uma vez que memória e esquecimento fazem parte do mesmo processo. Na rememoração dos 50 anos da “fuga e expulsão”, as adesões ao nacional-socialismo e as ações da tropas da

⁷²Aleida Assmann, *Der lange Schatten der Vergangenheit: Erinnerungskultur und Geschichtspolitik*, Bonn, C.H. Beck, 2007, p.187.

⁷³Anne Kaminski, “A integração de conhecimentos históricos na narrativa da própria vida: entrevistas com ex-prisioneiros dos campos soviéticos entre 1945 e 1950 na Alemanha”, In: Marieta de Moraes Ferreira; Tania Maria Fernandes; Verena Alberti (orgs.), *História oral: desafios para o século XXI*, Rio de Janeiro, Fundação Oswaldo Cruz; Editora e Fundação Getulio Vargas; CPDOC, 2000, p. 143-153.

Waffen-SS em relação às populações de origem não alemã, por exemplo, não são temas mencionados.

Em vez disso, a série de “relatos” publicados no jornal transformava “uma vítima individual em representante das vítimas suábio danubianas. O singular torna-se coletivo.”⁷⁴ Além de uma reação a um discurso de memória presente na mídia e no cinema, em que o “destino” de vítimas como os suábios do Danúbio estariam ausentes, a publicação da série de “relatos” visa, em nível local, à coesão do grupo. Elementos do local e do global, portanto, se entrelaçam na constituição de um discurso de memória. A publicação da série pode ser vista, assim, como parte da luta daquele “povo em prol do futuro”, para o que dependeria lutar contra o esquecimento daquele passado. A coesão do grupo dependeria desses investimentos em prol da construção de uma memória coletiva. Os “relatos” da geração de imigrantes, entendidos pelo jornal enquanto relatos dos fatos tal como ocorreram no passado, deveriam ser mantidos à memória das novas gerações como uma advertência.

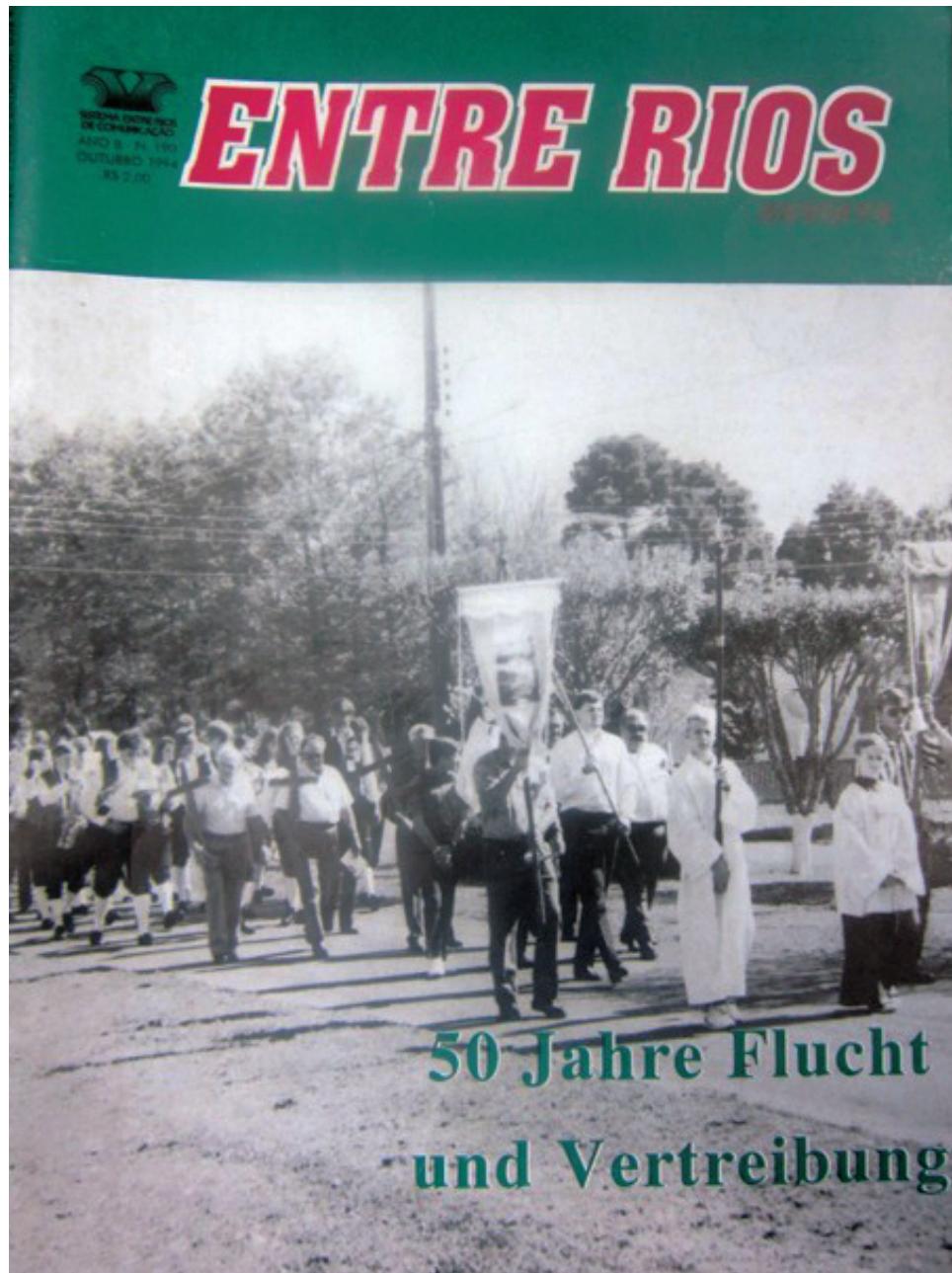
Considerações finais

Durante a rememoração coletiva dos 50 anos da fuga e expulsão, em Entre Ríos, em 1994, as experiências traumáticas são relembradas por meio da produção e publicação de “narrativas de vítimas” (Figura 3). Podemos refletir sobre o papel daquele jornal a partir de uma pergunta feita pela filósofa argentina María Inés Mudrovcik: “de que modo uma comunidade, cujos diferentes grupos têm experimentado direta ou indiretamente eventos traumáticos, deixa de estar apegada compulsivamente ao seu passado e transforma os acontecimentos trágicos em recordações exemplares que guiem as ações presentes?”⁷⁵

A inserção dos imigrantes suábios do Danúbio no Brasil, em Entre Ríos, mediante um projeto de colônia que criou uma comunidade diaspórica, propiciou o surgimento de uma esfera pública em língua alemã, na qual o tema da expulsão cumpre inclusive um papel na afirmação dessa identidade diaspórica. A rememoração dos 50 anos da *Flucht und Vertreibung* (“fuga e expulsão”), em 1994, ocorreu num ambiente social e político no qual a publicação de “narrativas de vítimas” que haviam vivenciado acontecimentos traumáticos buscava reforçar os contornos de uma identidade grupal local. Ou seja, aquela rememoração, ao editar testemunhos e transformar a experiência em recordação, afirmava também uma identidade coletiva para todos os suábios do Danúbio da colônia de Entre Ríos e não apenas para as gerações que experimentaram diretamente a “fuga e expulsão”.

⁷⁴Marcos Nestor Stein, *O oitavo dia: produção de sentidos identitários na colônia Entre Ríos – PR (segunda metade do século XX)*, Guarapuava, Unicentro, 2011, p. 246-247.

⁷⁵Maria Inés Mudrovcik, *Historia, narración y memoria. Los debates actuales en filosofía de la historia*, Buenos Aires, Ediciones Akal, 2005, p. 141. Tradução livre do espanhol de Méri Frotscher.



Fonte: Revista *Entre Rios*, ano 8, n. 190, out. 1994.

Figura 3. Edição de outubro de 1994 sobre os “50 anos da Fuga e Expulsão”.
Na imagem, vê-se a procissão em memória aos mortos na Iugoslávia,
realizada até hoje nos meses de outubro.